

“Pandeminions”: análise dialógica dos “(bolso) minions” na pandemia da COVID-19

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3281>

Luciane de Paula¹

Natasha Ribeiro de Oliveira²

Resumo

O objetivo do estudo é analisar um *post* da rede social Facebook, denominado “Pandeminions”, a fim de recuperar as relações dialógicas que o constituem, a partir do referencial teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin. O *post* se relaciona às críticas feitas desde a eleição presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018, que se renovam na pandemia da COVID-19, pelas práticas de enfrentamento da doença pelo governo. Estas, por sua vez, refletem-se no discurso de seus apoiadores, os “(bolso)minions”, em referência aos personagens dos filmes *Meu Malvado Favorito* que, no cenário político brasileiro, foram ressignificados, deslocados da esfera artística para a política, como expressão de crítica social. As interações enunciativas refletem e refratam a vida, o que justifica este estudo, com base no movimento dialético-dialógico, como uma forma de pensar algumas práticas políticas e socioculturais via signos ideológicos.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; diálogo; signo ideológico; *minions*; pandemia.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; lucianedepaula1@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1727-0376>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; nariiibeiro@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0001-8760-8104>

“Pandeminions”: analyse dialogique des “(bolso)minions” dans la pandémie de COVID-19

Resumé

L'objectif de l'étude est d'analyser une publication sur le réseau social Facebook, appelée “Pandeminions”, afin de récupérer les relations dialogiques qui la constituent, à partir du cadre théorique-méthodologique du Cercle de Bakhtine. Le *post* est lié aux critiques émises depuis l'élection présidentielle de Jair Bolsonaro, en 2018, qui se sont renouvelées dans la pandémie de COVID-19, par les pratiques du gouvernement pour faire face à la maladie. Ceux-ci, à leur tour, se reflètent dans le discours de leurs partisans, les “(bolso)minions”, en référence aux personnages des films *Moi, moche et méchant* qui, dans le scénario politique brésilien, ont été ré-signifiés, déplacés de la sphère artistique à la sphère politique, comme expression de la critique sociale. Les interactions énonciatives reflètent et réfractent la vie, ce qui justifie cette étude, basée sur le mouvement dialectique-dialogique, comme une manière de penser certaines pratiques politiques et socioculturelles via des signes idéologiques.

Mots-clés: Cercle de Bakhtine; dialogue; signe idéologique; minions; pandémie.

Introdução: os (bolso)minions na pandemia e a pandemia dos (bolso)minions

Com o aparato teórico-metodológico da filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Medviédev e Volóchinov (VAUTHIER, 2010), temos o objetivo de analisar um *post* da rede social Facebook, denominado “Pandeminions”, tendo em vista a constituição tridimensional da linguagem, entendida como verbivocovisual (PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017; PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021a, 2021b, 2022). A pandemia de COVID-19, no Brasil, revelou (e continua a revelar) práticas sociais, políticas e culturais típicas, que relacionam fatos históricos com um momento inédito, resultado de um modo de ser e estar no mundo contemporâneo (o cronotopo pandêmico, como tem estudado ROHLING, 2020), a partir do que temos pesquisado (PAULA; OLIVEIRA, 2020a, 2020b; OLIVEIRA, 2020, 2021): o público da franquia *Meu Malvado Favorito* em diálogo com os eleitores de Bolsonaro, comumente chamados, no Brasil, de “bolsominions” (signo que começou a circular, em referência cruzada entre filmes e política, nas redes sociais e viralizou para outros meios e esferas da vida social, com um teor ideológico de crítica à servidão “cega” e voluntária dos eleitores daquele político, como a dos *minions* ao Gru, vilão protagonista da franquia cinematográfica).

Este artigo apresenta reflexões que partem de um recorte da tese em andamento, intitulada *Arte, mídia e política: uma análise bakhtiniana de 'bolsominions' e 'petralhas'*, de uma das autoras e integra a pesquisa em andamento sobre a verbivocovisualidade, da

outra pesquisadora. Para alcançarmos nosso objetivo, situamos o enunciado analisado a partir de algumas relações dialógicas, referentes à produção do *post* em foco como objeto de estudo, tendo em vista os signos ideológicos “bolsominion” e “minion”. E, com isso, refletimos sobre a pandemia da COVID-19 no contexto brasileiro a partir de um ponto de vista voltado ao que o enunciado-*corpus* denominou como *pandeminions*”.

Também conhecida, no Brasil, como Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme cunhado por Brait ao refletir sobre a especificidade da perspectiva brasileira dos estudos bakhtinianos, a filosofia da linguagem do Círculo, segundo Paula (2017), credita à linguagem a potencialidade valorativa cognoscível tridimensional dos sujeitos, em ato (BAKHTIN, 2010; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2017). Um enunciado, como um *post* publicado no Facebook, materializa valorações que refletem e refratam a voz social de um grupo e não de outro. Isso significa dizer que os signos utilizados, sempre ideológicos, pois se referem ao homem, ao tempo e ao espaço, são repletos de valorações actanciais e espaço-temporais. Nesse sentido, no pequeno tempo-espaço, a pandemia da COVID-19 no Brasil, como processo enunciativo, possui sua singularidade na relação/elo com a pandemia mundial de COVID-19. Um de seus traços de unicidade é a associação da gravidade da pandemia atribuída aos “bolsominions”, apoiadores de Jair Bolsonaro, presidente do país durante o período crítico da crise sanitária, por re-produzirem falas e comportamentos de seu “Malvado Favorito” (tais como: recusa à vacinação, resistência ao isolamento e ao uso de máscaras, crença em tratamento precoce com medicamentos cientificamente comprovados como ineficazes – como a Ivermectina, a Hidroxicloroquina e Azitromicina – , responsabilização da China em defesa de um “golpe” econômico mundial, entendido como “ataque comunista”, entre outros).

As práticas políticas de enfrentamento à COVID-19 do governo brasileiro, nos anos de 2018 a 2022, são o horizonte socioideológico mais próximo abarcado pelo *post*, objeto do estudo, além da própria noção de sujeito “bolsominion”³, termo amplamente difundido durante as eleições presidenciais de 2018 e que se mantém em circulação, em constante atualização de sentidos, de acordo com o contexto social vivenciado. A partir desse termo, mobilizamos as valorações sociais como arena/palco⁴ (VOLÓCHINOV, 2017) viva/o entre sujeitos e vozes sociais contrárias e contraditórias em jogo tenso, pois pressupõem a construção de um *modus vivendi* e de um *modus operandi* por meio de sujeitos que pensam, agem e se posicionam de determinada maneira (contrária e/ou igualitária ao que preconiza a ciência, via agentes sanitários; e/ou o presidente brasileiro que, por

3 A dissertação de mestrado de Oliveira (2020) tratou, especificamente, sobre a difusão deste termo no contexto brasileiro.

4 Embora a nova tradução direta do russo, da obra de Volóchinov, utilize o termo como “palco”, optamos pelo termo “arena”, como consta na tradução francesa, por assumirmos que este termo contempla melhor a ideia bakhtiniana de embate, diferente do lexema “palco”, que pode remeter a simulação e a atuação de um papel, como um ato que desempenha um personagem, e não é esse o caso.

vezes, age de maneira oposta ao que diz, de forma negacionista), o que movimenta a vida da linguagem pelo embate de forças centrípetas (de tendência homogeneizadora e hegemônica, atuante de forma dominante, na superestrutura) e centrífugas (de tendência descentralizadora e plurivalente, que considera a heterogeneidade de sujeitos, comumente ambientada na infraestrutura).

A análise do *post* “Pandeminions”, principal objeto do estudo deste artigo, pauta-se no método dialético-dialógico (PAULA, L.; FIGUEIREDO; PAULA, S., 2011). A escolha considerou os critérios temático, espaço-temporal e quantitativo, por se referir ao que temos estudado (as vozes sociais que constituem os sujeitos nomeados como “bolsominions”), em um tempo-espaço específico (a pandemia de COVID-19 no Brasil) e com ampla circulação na rede social Facebook, a partir da replicação (o número de curtidas, compartilhamentos e comentários). A justificativa desta reflexão se pauta na relevância social acerca do dizer sobre o nosso fazer neste pequeno tempo, que ficará para o grande tempo da história, de maneira única.

As concepções bakhtinianas que nos fundamentam são: relações dialógicas, signo ideológico e discurso alheio. A pergunta de pesquisa que nos orienta é: qual é a concepção valorativa de pandemia associada aos “(bols)minions” registrada no *post* intitulado “Pandeminions” e quais vozes se encontram em embate nesse enunciado, tomado como reflexo-refração social de axiologias existentes no Brasil de 2020-2021?

Com o objetivo de respondermos a esses questionamentos, estruturamos este artigo, além da introdução, em que apresentamos nossa proposta reflexiva, em um item de discussão teórica e um item analítico para, por fim, apresentarmos os resultados de nossa reflexão, com acabamento provisório, próprio da linguagem e do enunciado, em constante construção (VOLÓCHINOV, 2013).

Linguagem viva: sujeito, tempo e espaço no evento único do existir

Pensamos, com base na filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Volóchinov e Medviédev (VAUTHIER, 2010), a vida da linguagem, constituída pelas relações dialógicas (BAKHTIN, 2018), em um horizonte ideológico materializado (MEDVIÉDEV, 2012) por signos ideológicos (2017), que propiciam um ambiente para o entrecruzamento de valores, em constante embate e em ato prático.

A linguagem, constitutivamente sociocultural, revela as valorações humanas nos enunciados. Estes não são neutros, pois, em ato, expressam as valorações (ideológicas) dos sujeitos que os mobilizam. Como a língua e a linguagem não são estáticas (em estado de dicionário), mas se caracterizam pela constante mobilidade, a ideologia, constitutiva do enunciado, que integra toda e qualquer manifestação discursiva, expressa pelo

visual (cor, jogo de câmeras, perspectiva gráfica, traços, planos, movimento, tipografia, formas, figuras, entre outros), pelo verbal (léxico, sintaxe, semântica, pontuação etc) e pelo vocal/sonoro (música, entonação prosódica – tom, tonalidade – entre outros), conforme asseveram Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021a, 2021b, 2022), pois essas dimensões, em conjunto, manifestam a percepção e a construção das relações de sentidos. Volóchinov (2017, p. 95) afirma que “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos”. E esse elo, conforme Bakhtin (2016), ocorre de maneira única e ininterrupta na cadeia discursiva.

Não ignoramos as diversas e as diferentes vozes que expressam as valorações e o momento sócio-histórico-político vivido, pois essa movimentação constitui a dialógica da linguagem. Volóchinov, ao falar sobre a dialética(-dialógica) interna dos signos ideológicos, volta-se à imagem do Jano bifronte para exemplificar a disposição do signo para o contrário-contraditório. Segundo o autor, “[...] assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

Essa potencialidade signica nos remete à dinâmica do mundo, do homem e das relações, e conseqüentemente, à construção valorativa em jogo no signo “bolsominions”, que resulta em uma forma de identificação, seja de crítica e repulsa, seja de apoio e confirmação, a um grupo social autodesignado “conservador” e de extrema-direita.

A constituição desse signo (“Pandeminions”) remete à franquia de filmes animados, em que os *minions* são servos fiéis de um malvado favorito, o Gru. Os *minions* são operários massivos que apoiam toda e qualquer ideia de seu líder, sem questioná-lo, mesmo que se prejudiquem. Eles agem em massa e não possuem língua articulada, além de não terem consciência de classe, uma vez que possuem traços sadomasoquistas com o seu outro igual (outro *minion*), como estuda Oliveira (2020) e foi analisado por Paula e Oliveira (2020a, 2020b).

Nessa relação, os *minions* são semiotizados como eleitores apoiadores do presidente, daí, a alteração signica com a inserção de uma partícula identificadora de seu líder (“Bolso”, de Bolsonaro), o que levou à criação do termo “bolsominions”, uma vez que o Gru passa a ser semiotizado por Bolsonaro, em uma relação de reflexo e refração (não direta, dadas as circunstâncias de acabamento específicas de cada esfera enunciativa) entre arte e vida, como pensado por Volóchinov (2019) e Medviédev (2012) ao que se refere ao movimento vivo da linguagem, materializada enunciativamente pelo signo.

O signo ideológico possui sua dialética interna, que prevê movimentos em coexistência, engatados em outros níveis, sem síntese (solução inexistente e não final), expressa concretamente no diálogo vivo entre contrários e contraditórios em convivência (e não

necessariamente em competição). Essa movimentação dialético-dialógica fundamenta a compreensão do processo ocorrido com o signo “bolsominions” que, hoje, não é só uma crítica de repulsa, mas também uma identificação defensiva.

A movimentação dos signos é crucial para compreender o *post* estudado, pois o lexema “pandeminions”, composto por parte do sobrenome do ex-presidente da república brasileira (bolso-, de Bolsonaro) aglutinado ao lexema “*minions*”, resulta em “bolsominions” e, pelo mesmo processo morfológico e semântico, parte do termo pandemia (sem obedecer as normas sistêmicas linguísticas, pois o corte não ocorre em “pan”, mas em “pande”, o que revela ruptura com a norma padrão vigente) somado a “*minions*” resulta em um novo signo, “pandeminions”. Este, por sua vez, revela a crítica voltada ao (não) combate à COVID-19 realizado no Brasil pelos atos (ir)responsáveis do então presidente e seus seguidores, com suas práticas de enfrentamento ao vírus que, recuperadas a partir do discurso alheio como discurso autoral (VOLÓCHINOV, 2017), expressam-se fundadas em álibis, acusações, menosprezo pela gravidade e isenção de responsabilidade no evento único do existir.

Para pensarmos sobre a bivocalidade do signo “pandeminions”, fundamentamo-nos na noção de relações dialógicas, como estudadas por Bakhtin (2018): integrantes da linguagem que revelam as avaliações dos sujeitos sobre determinada situação, responsáveis pela movimentação enunciativa no pequeno e no grande tempo, em que passado, presente e futuro se unem em embate (harmônico, de recusa, confronto etc.).

Essa vivacidade permite visualizarmos o enunciado (no caso, o *post* do Facebook) em sua composição [repleta de tons valorativos emotivo-volitivos (VOLÓCHINOV, 2017)], pois se relaciona a outros enunciados, do passado e/ou da memória de futuro, o que coloca outras valorações em jogo, em cada ato, com as características discursivas próprias da configuração genérico-enunciativa arquetônica daquele dizer-fazer.

Essa cadeia de interação (in)tensa semiotiza a vida, em processo indireto de reflexo e refração. Com esse ponto de vista é que propomos a análise do *post* como objeto representativo de uma forma de compreender um aspecto da contemporaneidade, dadas as marcas da/na linguagem em uso, como prática típica das mídias digitais, forma de interação e manifestação (inclusive política) constitutiva do tempo-espço do século XXI.

Bakhtin (2011), Medviédev (2012) e Volóchinov (2017) tratam das formas de saber, monológica e dialógica, em relação às ciências exatas e às ciências humanas. Para Bakhtin, a primeira ciência é monológica, pois só há um sujeito, o que contempla e enuncia um determinado objeto, ao passo que o filósofo vê, nas humanidades, a dialogicidade: “Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito, e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*.”

(BAKHTIN, 2011, p. 400, grifo do autor). A ideia de dialogicidade é a de uma produção de conhecimento viva, falante, não-muda, pois sendo e permanecendo sujeito, todo e qualquer conhecimento produzido sobre ele deve ser, necessariamente, com ele. Para Amorim (2004, p. 16), “[...] há um sujeito que fala e produz texto tanto quanto o pesquisador que o estuda”, por isso frisamos a relevância da concepção de linguagem do Círculo, que propõe a escuta (PONZIO, 2010) dessas diversas e diferentes vozes em coexistência, em constante embate, como entende o Círculo que, calcado nisso, propõe o método (dialético-)dialógico. Ao analisarmos o *post*, mais que uma materialização “textual”, escutamos e tocamos as vozes dos sujeitos ali expressas.

Como assevera Ponzio (2010), buscamos, no estudo, não a palavra alheia como comportamento (desprovida de caráter enunciativo, sem possibilidade de sentido, enquadrada e depurada), mas como enunciado-resposta, produzido por alguém e dirigido a alguém, dentro de uma cadeia discursiva, como postula Bakhtin (2016) e explica Amorim (2004). Nessa perspectiva, temos o objeto de estudo, na abordagem dialógica do discurso, como ser falado e falante, com(o) marcas de alteridade na construção de sentidos dos discursos que, por definição, é inacabável, ainda que possua um acabamento (provisório). Esse é o objetivo do nosso estudo: compreender quais são os sentidos desse discurso revozeado no *post* “Pandemions”, criado no cronotopo pandêmico (ROHLING, 2020), com tons de brasilidade, viralizado nas e para além das redes sociais.

Para o filósofo russo, “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser *nunca coincide consigo* mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.” (BAKHTIN, 2011, p. 395, grifo do autor). Justamente a questão da inesgotabilidade de sentidos é o que nos interessa, neste momento, pois ao compreendermos que cada enunciado traz, em si, diferentes vozes outras, ao mesmo tempo em que é único, uma vez que é da ordem do acontecimento, pensamos no movimento dialético-dialógico (PAULA, L.; FIGUEIREDO; PAULA, S., 2011) constitutivo da linguagem, pois ele nos permite observar o infundável diálogo de um enunciado com outros. Como dizem as autoras, o elo está na dialética marxista com o diálogo bakhtiniano, pois o Círculo parte das concepções do materialismo histórico-dialético de Marx, sobre história, sujeito e cultura, para pensar a realidade social por meio da linguagem nas relações entre os sujeitos, de forma dialógica.

Para as pesquisadoras, a dialogia, enquanto método, pressupõe o embate, a construção incessante, “[...] no inacabamento que constitui o sujeito e o enunciado porque próprio da linguagem, que manifesta simbolicamente [...] o mundo e o homem (não de maneira direta)” (PAULA, L.; FIGUEIREDO; PAULA, S., 2011, p. 85). O método dialético-dialógico, entendido de maneira viva, permite que novas relações surjam sem que as anteriores sejam esquecidas, apagadas ou superadas, o que amplia a dialogia do pequeno tempo com o e no grande tempo da cultura.

Ao considerarmos toda essa movimentação, ressaltamos a importância do papel das pesquisadoras em ambiente *on-line*, pois, como procedimentos metodológicos, temos a postura de habitar, conforme denomina Braga (2006), como *lurkers*⁵, as páginas e perfis de Facebook que produzem e compartilham conteúdos sobre a política brasileira a partir da reacentuação de personagens animadas (aqui, os *minions*). Essa postura é assumida por nós por defendermos que, por meio da observação da movimentação enunciativa das e nas redes, podemos compreender o modo de existência das formas de interação possibilitadas pela internet sem interferência direta das pesquisadoras, tendo em vista que:

O uso da internet torna-se significativo para nossas compreensões da identidade e responsabilidade [...]. Qualquer fragmento individual dos dados derivados da internet é, por isso, passível de ser interpretado de uma série de formas, dependendo dos contextos em que se incorpora e adquire significado. (HINE, 2016, p. 16).

Com base em Hine (2016), o uso da internet é expressivo, pois, como explica Bakhtin sobre a linguagem, ao ouvir a palavra alheia, preenhe de sentidos a serem interpretados e estudados, não como uma coisa muda, mas como ser expressivo vivo, que fala tanto quanto nós, pesquisadoras, colocamo-nos no lugar de auscultativa (muito mais que meras coletoras de dados) de um movimento sociocultural.

5 Segundo Polivanov (2013, p. 4-5), baseada em Braga (2006), *lurker* pode ser definido como “[...] aquele que apenas observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas (sabe-se que uma não interferência em grau absoluto não é possível, tendo em vista que sua presença, ainda que não anunciada, afetarà o objeto de estudo). Trata-se de uma prática denominada *lurking*, que em inglês significa ‘ficar à espreita’ (BRAGA, 2006). Tal prática seria característica do ciberespaço e através dela o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros.”.

“Pandeminions”: a responsabilidade *pravda*⁶ dos (bolso)minions

Em produções anteriores (OLIVEIRA, 2020; PAULA; OLIVEIRA, 2020a, 2020b), analisamos a constituição dos personagens *minions* em sua produção, circulação e recepção social e, como um dos resultados das pesquisas, chegamos a uma imagem brasileira de *minion* – o que, inclusive, impulsionou a pesquisa de doutorado de Oliveira –, criada a partir da relação entre as esferas política, artística e midiática: os “(bolso)minions”.

Em solo brasileiro, a produção de outros enunciados que envolvem a franquia *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015, 2017) ganhou conotação de acontecimentos históricos, sociais e culturais que não existem da mesma maneira em outra sociedade, pois são típicos de um espaço-tempo nosso, contemporâneo ao estudo. Conforme já antecipado, o signo “bolsominions” surgiu e se difundiu amplamente durante a eleição presidencial de 2018, como crítica opositiva a quem apoiava o, até então, candidato Jair Bolsonaro. O uso apareceu com um teor crítico que revelava uma forma de mostrar a desaprovação não só ao próprio político como também a quem seguia suas ideias, obedecia a suas ordens e o servia fielmente, tal qual vemos nos filmes da franquia.

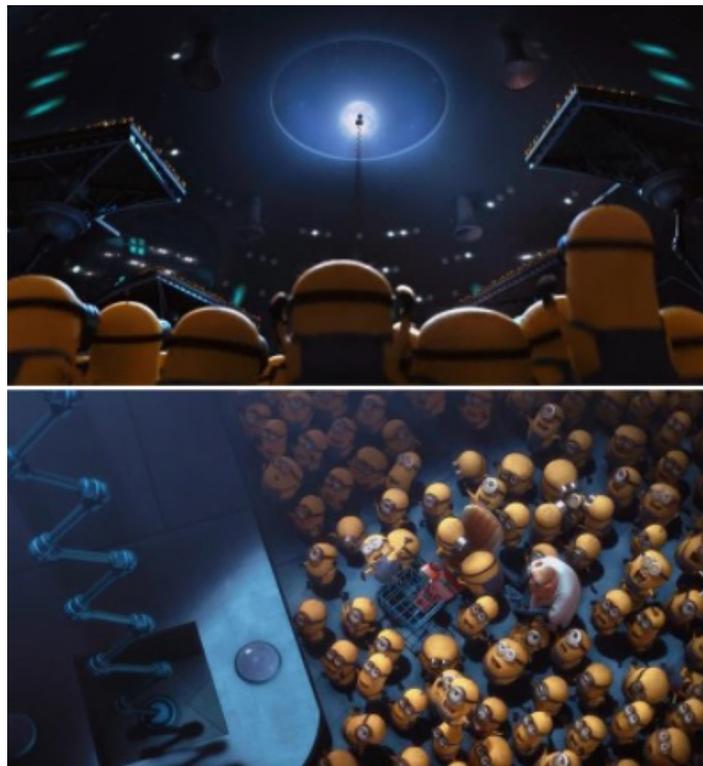
Em *Minions* (2015), os protagonistas passam por diferentes eras em busca do mestre mais perverso da história e do mundo, a quem possam servir fielmente. Sem esse chefe, na animação, eles adoecem, desmotivados a viver, como narrado no enunciado. Em um determinado momento, os *minions* encontram Gru, o atual mestre-vilão-chefe que elegem seguir, por considerá-lo o “malvado favorito” que procuravam. Passam, então, a dedicar suas vidas, sua força de trabalho e sua admiração ao Gru, cultuado como Deus (o Messias que os salva). Com essa breve descrição, alguns traços semânticos já podem ser apreendidos entre Gru e Bolsonaro, *minions* e “bolsominions”: assim como Gru, Bolsonaro é comumente retratado como o messias salvador por seus eleitores e estes, como os *minions*, defendem seu “Malvado Favorito” com suas vidas, dispondo-se a serem

6 Para Bakhtin (2010), a construção da verdade não é uma produção abstrata (*istna*), mas sim, um processo concreto-vivencial (*pravda*). Essa diferença é essencial, pois, enquanto a noção de *istna* absolutiza a noção de verdade, ideal e inalcançável; a noção de *pravda* a relativiza, uma vez que a coloca em jogo, no mundo, por sujeitos específicos, com suas lógicas, sem a dependência da moral (ou do falso-moralismo). Assim, se, para um sujeito, em um contexto específico, com sua experiência concreta, do seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019), determinado ato é ético e verdadeiro; para outro, com outros valores e de outro lugar-tempo, a mesma prática pode ser compreendida como antiética. A ética está atrelada ao ato, à atividade e ao evento, mas não a um juízo de valor moral e depende, concretamente, da experiência, inclusive, espaço-temporal social, cultural, histórica e política, vivida pelo sujeito. Se, em um contexto, a delação é premiada, em outro, o delator morre, considerado “X9”. E essa é a verdade-*pravda* de cada um desses sujeitos, a partir de seus contextos, valores e vivências. No caso dos *minions*, sua verdade-*pravda* é acompanhada de atos de dizer-fazer que destoam de outros, dados os valores de cada voz social reverberada por cada sujeito. Neste artigo, não queremos julgar atos, mas analisar, a fim de compreender, as *pravdas* valorativas das vozes em embate no *post* estudado.

seus servos e fiéis seguidores ao cultuá-lo como “Mito”/“Messias” (este substantivo próprio sendo, inclusive, seu segundo nome).

Como um exemplo da relação hierárquica de servidão e endeusamento dos *minions* (e dos “bolsominions”) ao Gru (Bolsonaro), destacamos a figura 1, que semiotiza uma cena do primeiro filme da franquia *Meu Malvado Favorito* (2010). Nela, vemos que os *minions* (empregados) são muitos, enquanto o Gru (patrão) é um só e, sozinho, detém o poder sobre todos eles, seus servos [mais que empregados, pois a relação entre Gru e os *minions* extrapola a esfera do trabalho – o que já revela a estrutura de poder desigual, dada a exploração pela mais-valia, como diria Marx (1998). Pelo tom emotivo-volitivo, a relação beira a alienação religiosa cega, calcada na doação, na submissão e na punição típicas do fundamentalismo religioso canônico da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Weber (2004)]. Os planos do Gru são aceitos sem questionamento e executados pelos *minions*, dispostos a se mobilizarem (inclusive financeiramente, mas, mais, com suas vidas) para que ele continue sendo o “maior vilão do mundo”, pois o que os motiva é a adoração e a servidão. Isso não só é realizado como reconhecido por eles, que, mais que assumirem, orgulham-se desse posicionamento de fidelidade.

Figura 1. Gru e minions



Fonte: *Meu Malvado Favorito* (2010): 00:11:25 e 00:11:34

A posição ocupada pelos sujeitos (entendendo os *minions* como um só sujeito), nas cenas selecionadas na figura 1, marca o lugar hierárquico de cada um nessa relação alteritária de constituição entre “eu” e “outro”, enquanto centro axiológico do viver-existir. Gru, no topo, simbólica e fisicamente (além de querer ocupar o lugar mais alto e ser reconhecido por isso, como o maior vilão, ele se coloca em uma situação de poder em seus contatos com os *minions* e também com a maioria dos demais personagens da trama); é marcado pela visão distante e ampla da câmera panorâmica que, de baixo para cima, coloca o espectador próximo ou junto do povo/operário/súbito-*minion*, como mais um (espectador do filme), enquanto Gru interage com esse/seu público, de seu lugar de fala, de cima (superestrutura) para baixo (infraestrutura). A recíproca (os *minions* embaixo visualizando e ovacionando Gru, no alto) é verdadeira. Os *minions* se aglomeram aos pés de Gru e fazem de tudo para chamar a sua atenção (orgulham-se, por exemplo, de serem evidenciados por Gru, em um contato oral breve, achando-se especial por terem seus nomes destacados diante da multidão massiva e aparentemente homogênea), deslumbrados com seu superior, sem se preocuparem com a posição inferior e de exploração que ocupam nessa relação desigual de servidão.

A sequência cênica desses 10 segundos que compõem a figura 1 é um recorte ínfimo de um enredo maior e mais complexo, utilizada por nós como gancho necessário para pensarmos nesses *minions* dentro e fora das telas, na arte⁷ e na vida, como reflexo e refração, semiotizados nos atos de sujeitos concretos, a partir de imagens de sujeitos de linguagem que expressam vozes sociais existentes. Nesse jogo de dupla refração ético-estética (BAKHTIN, 2010, 2011), chegamos à imagem de *minions* (e, por alteridade, de Gru), como a do servo (os personagens são todos amarelos, vestidos com a mesma roupa – um macacão de operário – fanáticos por Gru, que endeusam por escolha/eleição, ao identificá-lo como o mais “malvado” de todos os líderes-vilões de todos os tempos).

A alienação dos personagens *minions* é o traço semântico que marca, na vida, a crítica do grupo contrário aos eleitores de Bolsonaro, ao designá-los como (bolso)*minions*. De outro ponto de vista, no entanto, esse mesmo signo ideológico (“*minions*”) e sua variação (“bolsominions”) é apropriado pelo grupo criticado e ressignificado por ele, que passa a se orgulhar de ser “*minion*”, ao compreender os personagens como heróis que salvam o mundo e são fiéis ao Gru/Bolsonaro, colocado pelo grupo oponente como vilão, mas entendido pelos, agora, autodesignados “*minions*” como o maior e o melhor de todos os líderes. Os eleitores de Bolsonaro, com esse movimento, revozeam a crítica feita a eles por um grupo que se considera não-minion ao comportamento de um outro, que nomeiam como *minion* (termo ressignificado e apropriado por esse mesmo grupo criticado, dado o seu

7 Entendemos arte, aqui, como enunciado estético, que requer a elaboração da linguagem (em suas diferentes potencialidades e materialidades). Não tratamos de um conceito canônico, como o fazem os críticos da arte, mas como discurso arquitetado a partir do solo social, com dado acabamento estético, marcado pelo projeto de dizer do autor-criador que o engendra, como explicam Volóchinov (2019), Medviédev (2012) e Bakhtin (2011).

comportamento servil). Essa bivocalidade revela a plurissignificação da linguagem que, em uso, expressa as vozes dos sujeitos, a depender das valorações dos grupos sociais aos quais pertencem ou com os quais se identificam (que não necessariamente é o mesmo ao qual pertencem). Em outras palavras, se, para um grupo, ser “*minion*”/“*bolsominion*” é algo pejorativo, pois alienado; para outro, ser *minion* é positivo, uma vez que é fiel.

A ideia da crítica se volta à fidelidade cega de um coro político a uma figura política. Esse traço semântico identifica, para os olhos daqueles que não se veem do mesmo modo, os apoiadores de Bolsonaro aos personagens amarelos da animação, além da devoção quase religiosa a seu líder/Messias e às suas práticas destruidoras que, para os opositores, são vilanescas. Contudo, como o signo ideológico está relacionado à vida da linguagem, ganha, concomitantemente, outro sentido que não só o de crítica, mas o de assimilação, dada a apropriação ressignificada como apoio, ao terem, os próprios eleitores de Bolsonaro, assumido a nomenclatura e se autodenominarem *minions*, como uma forma de expressar sua fidelidade heroica, em nome de Bolsonaro e de suas práticas governamentais que, a seus olhos, em prol do Brasil, acreditam não ser “mau”.

Não só pelo linguístico, mas sobretudo pelo ideológico, o signo mostra a sua capacidade de falar sobre uma determinada época pela forma como os sujeitos o utilizam. Não nos referimos apenas ao termo “*bolsominions*”, mas também ao lexema “*pandeminions*”, pela formação sígnica, elaborada pelos mecanismos de junção morfológica. Em “*pandeminions*”, a ideia de Bolsonaro, enquanto marca de governo, encontra-se implícita por pressuposição, uma vez que o termo se refere aos seus apoiadores e o que funciona como um morfema (criado por parte do nome próprio pelo qual o presidente é tratado, na verdade, parte de seu sobrenome “*Bolso*”) é substituído por um outro (“*Pande*”, mesmo que esses cortes não se caracterizem como morfemas canônicos, o que denota parte de uma ruptura com o sistema linguístico, ainda que respeite o mecanismo de aglutinação típico do processo de formação de palavras do português do Brasil) quase por correspondência ou similitude.

O que fica marcado, não no léxico, mas como tom valorativo materializado no *post* aqui analisado (figura 2), como processo discursivo, é a ideia crítica de expressar como são os (bolso)minions na pandemia de COVID-19 – por isso, agora, eles passam a ser os “*pandeminions*”. Esse termo expressa a valoração dos opositores de Bolsonaro que, ao tratarem a parte (“*Bolso*”) pelo todo (“*pan*”) e, depois, o todo (“*pan*”) como englobante implícito da parte (“*Bolso*”), sempre, relacionados (“*Bolso*” e “*pan*”) aos *minions*, os personagens amarelos massivos que, de coadjuvantes, passam a protagonizar, de certa forma, a franquia de animação, o mercado da indústria cultural e a esfera política no Brasil, são tomados, também, como o vírus que adoece o país e o mundo, com uma mentalidade fundamentalista, um posicionamento conservador, autodesignado “de direita”, ufanista e negacionista. Um vírus amarelo que inunda o mundo, toma a sociedade, no caso, a brasileira, e a leva ao isolamento ou à destruição, sem perspectiva de cura, dados os seus atos, “sem álibi da existência” (BAKHTIN, 2010).

Figura 2. Post "Pandeminions"



Fonte: Facebook – Humberto Costa

A voz que orchestra o *post* (figura 2) é a de crítica, mesmo que mostre o apoio feito pelos bolsominions a Jair Bolsonaro na pandemia. Afinal, o signo ideológico é utilizado por um sujeito que, ao refletir e refratar uma voz social, em um tempo-espaço específico, marca seu ponto de vista. Como pontua Volóchinov (2017, p. 110, grifo do autor), "ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social e é isso o que ocorre no *post* "Pandeminions", extraído da página do Facebook⁸ do atual senador de Pernambuco Humberto Costa (líder do Partido dos Trabalhadores (PT) no Senado brasileiro), em 28 de agosto de 2020, quando o estado da pandemia, no Brasil, completava cerca de seis meses.

⁸ A respeito da replicabilidade de um *post* (um meme, uma charge, uma tirinha etc), ainda que algumas páginas e perfis coloquem marca d'água, como forma de creditar a autoria para si, isso não impede que o enunciado circule pela internet em diferentes redes sociais sem os créditos. O *post* em questão, coletado no Facebook, possui indícios de ter sido publicado em outra rede social, o Instagram, por elementos que nos permitem recuperar esse percurso, como o "@desargumentacao", como uma espécie de "rodapé" da imagem, em referência ao nome do perfil que produziu a figura. As questões de originalidade, fonte e autoria não são simples nas redes e não são o foco deste artigo, por isso apenas mencionamos a mobilidade da circulação que, na maior parte das vezes, não respeita as leis de direitos autorais, que sequer são mencionadas para serem creditadas – o que constitui certos gêneros (como o meme) e suas práticas.

O *post* (figura 2) é composto como uma fotomontagem no formato “.jpg”, muito utilizado na internet, em que se misturam imagens pré-existentes (por exemplo, uma imagem de divulgação da franquia de filme dos *minions*) com outros elementos, verbais, visuais, vocais ou sincréticos, de outro contexto (caso das expressões verbais inseridas, sem balão de fala, atribuídas aos *minions* como discurso direto, ainda que seja uma estratégia de discurso indireto livre do autor-criador para marcar a crítica – estratégia discursiva elucidada por Volóchinov (2017) como recurso de expressão da plurissignificação da linguagem), de modo a criar um novo sentido (no caso, o de repetição que, como explicita o “@”, marca a “desargumentação” dos (bolsa)*minions*).

Como nos propusemos desde o início deste artigo, interessa-nos recuperar as relações dialógicas, como estudadas por Bakhtin (2018), constituintes do *post*, a fim de refletirmos sobre como os atos públicos de enfrentamento à pandemia da COVID-19 do governo estão marcadas pela e na linguagem, reveladas no *post* como atos de dizer-fazer, pelos atos de seu coro político (“bolsominions”), a partir do discurso alheio (e, inclusive, de marcação de autoria, mas com vários enunciados repercutidos por terem sido reproduzidos pelo próprio ex-presidente, em diversas ocasiões diferentes), como estudado por Volóchinov (2017), como forma de relação ativa de um enunciado com outro, cada qual com sua unicidade.

Para o Círculo e, em especial, para Bakhtin (2018, p. 207), o discurso é “[...] a língua em sua integridade concreta e viva” e, enquanto objeto da linguística e da translinguística, é um “[...] fenômeno concreto, muito complexo e multifacético”. As relações dialógicas não podem ser separadas do campo do discurso, como nos diz o filósofo russo, pois “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. [...] Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego [...] está impregnada de relações dialógicas” (BAKHTIN, 2018, p. 207).

No *post*, podemos ver a relação de enunciados verbais diretos utilizados por apoiadores de Bolsonaro: as aspas nos remetem a essa objetividade e marcam que o discurso direto, ali colocado na boca dos *minions*, não é deles. Os *minions*/apoiadores reproduzem o que seu líder diz. O discurso direto se mistura ao indireto, com um deslocamento realizado pelo autor-criador, que orchestra o enunciado e, por meio do discurso indireto livre, expressa o que pensa – faz a crítica aos eleitores de Bolsonaro, colocados como *minions*-robôs que não pensam por si e se comportam como repetidores das falas e dos atos do então chefe da nação. Esses enunciados ecoam o modo como esses *minions* encaram a pandemia no país, ao afirmarem, em aparente discurso direto, como se fosse sua voz, declarações valoradas por um grupo que se identifica e se autodesigna “conservador” e “de direita”, em acusação a tudo e a todos, como se a utilização da estratégia da acusação servisse como forma de defesa a Bolsonaro que, presumidamente, passa a ser entendido como vítima de todo um sistema que o ataca e o deixa de mãos atadas para cuidar do país. Esse grupo de (extrema-)direita ascendeu novamente no Brasil e se consolidou no

país em contraposição aos governos Lula e Dilma, a partir de discursos de acusação de corrupção da esquerda (inclusive, com muitas *fake news*) e de ufanismo saudosista proferidos por Bolsonaro em sua campanha, em 2018, que prometia armar o país, “limpá-lo” dos “comunistas” e apoiar a volta da intervenção militar ao poder.

As relações dialógicas que constituem o *post* podem ser compreendidas, com base em Bakhtin, em uma mesma palavra, mas nela se chocam dialogicamente duas vozes, pois se trata do signo ideológico bivocal (VOLÓCHINOV, 2017), como estudado por Melo (2017). Os enunciados dos bolsominions na pandemia, a depender de quem enuncia, possuem carga valorativa positiva ou negativa, por isso precisamos compreender o processo de produção, circulação e recepção do enunciado, e as relações dialógicas que constituem sua unidade arquetônica. Produto e produção são, nesse sentido, a matéria sígnica capaz de nos mostrar as valorações acerca de um tema, figurativizado por meio de imagens visuais, verbais e vocais, concretizadas de maneira explícita ou apenas de maneira potencial.

Os elementos verbivocovisuais, tais quais estudado por Paula (2017) a partir da proposta do Círculo, como tridimensionais, são constitutivos potenciais da linguagem que, a depender da configuração arquetônica, semiotizam-se de maneira explícita. A concretude confere ao enunciado seu todo de sentido a partir do sujeito, que dele participa como agente ativo, a partir de sua existência, refletido e refratado no solo social, com a sua vida, suas valorações e sem álibis.

A cor amarela (não por acaso, a cor do corpo cilíndrico dos *minions*), por exemplo, utilizada na escrita de “pandeminions”, com fonte tipográfica *Comics* (essa tipografia coloquial, despojada, jovial, com traçado grosso e completamente expressa em caixa alta corrobora com a composição integral do enunciado, especialmente, ao que concerne ao tom de irreverência e de ironia do meme, sem deixar de lado a aparente “fofura” dos *minions* da animação, divertidos a ponto de “roubaram” o protagonismo de parte da saga), mesmo que tomada isoladamente, sem a fotomontagem dos sujeitos *minions*, já faz a referência a eles e ao Brasil, uma vez que os servos-operários da animação adoram bananas (a fruta e o sabor, em tudo – sorvetes, sucos, doces etc.). Como o Brasil ficou conhecido, de modo estereotipado, como “Republica das bananas”, dada a abundância desse fruto e o olhar exotópico do estrangeiro colonizador que via o país como uma espécie de “ilha da fantasia” onde tudo era possível, onde tudo se podia, símbolo das maravilhas, das mulheres bonitas, do sexo fácil, do descanso, da orgia, do prazer, oposto ao trabalho, à ordem e às regras, de certa forma, o amarelo e a banana no horizonte dos *minions* na animação do *Meu Malvado Favorito* remete a essa valoração “paradisíaca” exploradora capitalista que impera, ainda hoje, no imaginário de certo grupo social, tanto hegemônico quanto dominado, mas que se quer hegemônico, para se instalar nas condições de exploração. Esse imaginário arquetípico pode ter ficado abafado, mas despertou e se agigantou desde as eleições de 2018 no Brasil, tomando proporções impensadas

por parte da sociedade, assim como a circulação dos filmes, a partir de 2010, com a imagem dos *minions* e a cor amarela, tanto nos tons banana nanica (típica das canções exportadas por Carmem Miranda) quanto ouro (amarelo canário – em seu corpo), própria da bandeira brasileira e da camiseta da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em nossa sociedade, como símbolo de Brasil – em especial, integrada com o verde bandeira – apropriada por Bolsonaro e seus apoiadores como específica, não mais da nação (como estudam Paula e Oliveira, 2019 e 2020), mas desse grupo específico.

Nesse *post*, uma imagem com diferentes *minions* foi adaptada e ressignificada para mostrar como são os bolsominions e como estes, por sua vez, defendem seus posicionamentos, ao falarem sobre o momento da pandemia de COVID-19. As expressões faciais selecionadas desses (bolso)*minions*, com feições bobas, risíveis e de celebração, marcam a valoração do autor-criador do *post* e servem como forma de unir o visual, o verbal e o vocal.

O segundo bolsominion, sorridente e com os braços erguidos, brada (a exclamação marca a ênfase sonora da cadência prosódica e do ritmo dos signos repetidos): “Cloroquina! Cloroquina!”⁹, como forma de entoar um manifesto favorável ao uso de um medicamento amplamente divulgado e defendido por Bolsonaro em suas declarações, oficiais ou não.

Os outros discursos, que também aparecem como enunciados proferidos pelo eu-*minion*, retomam ideias defendidas pelo governo, com a mesma ideia de atrelar uma expressão facial, gestual e corporal do *minion*, com um enunciado de palavra própria, que dialoga com a palavra do outro (no caso, apoiadores do Bolsonaro). Isso gera a ideia geral do que é ser bolsominion, não somente na pandemia de COVID-19, mas nesse contexto, esse sujeito ganha uma característica marcante e, por isso, a mudança do termo de designação (de “bolsominion” para “pandeminion”). Uma alteração parcial, pois constituída por parte implícita (“bolso”), parte nova (“pande”) e parte comum constante inalterada (“*minion*”). O elemento estável é o que une os elementos particulares e lhe atribui sentido único de apoio, defesa, lealdade e retomada do discurso alheio de seu ídolo como discurso próprio para enfatizar a avaliação feita pelo eu (bolsominion) a partir do discurso do outro (Bolsonaro) – a de apoio incondicional.

9 Para ler mais sobre como a cloroquina desempenhou um importante papel como política do que chamou de “tratamento precoce” no enfrentamento do governo de Bolsonaro contra a COVID-19, mesmo com estudos científicos comprovando a ineficácia e o perigo do seu uso para essa doença, sugerimos a leitura do artigo “A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da covid”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 22 ago. 2021. Como se pode notar, data de março de 2019 a primeira menção indireta ao medicamento, o que mostra como há uma construção de defesa em relação ao remédio, liderada pelo próprio ex-presidente e defendida por seus apoiadores que, inclusive, consumiram e recomendaram a droga, mesmo sem autoridade médica.

Sobre a percepção avaliativa, Volóchinov (2017, p. 254) afirma que

Tudo que há de essencial na percepção avaliativa do enunciado alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior. O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências – o assim chamado fundo de apercepção – são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido. Uma palavra entra em contato com outra palavra. É no contexto desse discurso interior que ocorre a percepção do enunciado alheio, a compreensão e avaliação, isto é, a orientação ativa do falante.

Calcadas em Volóchinov, podemos afirmar que os “pandeminions” são os (bolso)minions na pandemia. Esses sujeitos se relacionam com a percepção ativa intradiscursiva do falante (os eleitores de Bolsonaro) e com o enunciado alheio (de Bolsonaro), emoldurado pelo fundo de apercepção da palavra. Ao tratar da temática (da percepção avaliativa discursiva nesse movimento entre o discurso interior e exterior), o autor russo defende a inter-relação dinâmica entre o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”), “pois, na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si. [...] Essa dinâmica, por sua vez, reflete a orientação social mútua entre as pessoas na sua comunicação verboideológica [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 255). O apoio dos bolsominions existe, na medida que Jair Bolsonaro precisa de um coro político para o que defende e vice-versa. Os bolsominions veem, no político, a autoridade mítica que materializa, publicamente, com alcance nacional e mundial, valorações que lhe são próprias, de modo que a dinâmica entre o discurso alheio (do outro) e o discurso autoral (eu) se fundem e criam, como no caso do *post* dos “pandeminions”, uma forma de interpretação de um tempo-espaço histórico (pandêmico e “pandemoníaco”), a partir da perspectiva de práticas de enfrentamento do governo, que encontra, em uma relação alteritária com os “outros” que o apoiam, força para seguir com seus interesses.

Alguns outros enunciados, em formato de discurso direto, complementam e integram o que confere aos bolsominions uma imagem caricatural, não somente na pandemia (como “pandeminions”), mas na cena política brasileira. Um contraponto é o grupo de apoio político contrário, no caso, o de pensamento de esquerda, comumente chamado de “petralhas”¹⁰. Por isso, o penúltimo *minion*, com o olhar abobalhado e a boca torta,

10 Não entraremos em detalhes sobre a constituição do signo ideológico por falta de espaço, mas adiantamos, com base em resultados preliminares obtidos na pesquisa da tese em andamento (OLIVEIRA, 2021), que “petralhas” semiotiza a imagem de eleitorado político que apoia e defende não uma figura política, mas um partido – o Partido dos Trabalhadores (PT). Para a constituição do signo, utilizaram também uma imagem de personagem animada e as valorações ali presentes: no caso, *Os irmãos Metralha*, presentes nas Histórias em Quadrinhos (HQs) da Disney, que buscam enriquecer clandestinamente, com inúmeras tentativas frustradas de roubar a fortuna do Tio Patinhas, símbolo do Estado e do capitalismo.

pergunta “E o Lula? E o PT?”. Esse enunciado é um lugar-comum utilizado como argumento para criticar não só os governos passados e suas figuras políticas, mas também uma forma de defesa do presidente Bolsonaro, pois quando há alguma crítica direcionada objetivamente a ele e às suas práticas políticas, questionamentos acerca de partidos políticos e presidente surgem para desviar o foco de uma situação a partir da recuperação de um outro (sujeito e tempo históricos) – como se os atos de outros governos justificassem ou servissem de álibi para os posicionamentos de Bolsonaro.

Outros *minions*, presentes na figura 2, questionam sobre a economia, sobre outras doenças e sobre o número de curados (terceiro, quarto e quinto *minions*). Juntos aos demais (primeiro, segundo e penúltimo, que afirmam sobre o comunismo, defendem a cloroquina e questionam sobre outros governos, respectivamente), compõem um sincretismo, sintetizados pelo último *minion* que, cheio de álibis, culpa a pandemia da COVID-19 no Brasil a tudo e a todos, menos ao próprio governo e às suas práticas de (des)enfrentamento da situação: “A culpa é do Congresso, do STF¹¹, dos governadores, dos prefeitos, do ministro da saúde, da China...”.

O *post* critica os bolsominions e o Bolsonaro durante o enfrentamento da pandemia, ao demonstrar a estratégia argumentativa desse grupo social, calcada em justificativas e acusações, assim como no senso comum reiterado para criar efeito de verdade (o que é marcado no *post*, no plano verbal, como “@desargumentacao”). Os discursos indiretos marcados, livremente, como diretos, constroem a crítica que flagra a busca de desvios para desresponsabilizar o governo Bolsonaro pela situação agravada (por tantas mortes) de COVID-19 no Brasil – por falta de vacinação, medidas sanitárias, entre outros possíveis cuidados institucionais, especialmente com a parcela da população em situação de maior vulnerabilidade, que ainda foi mais exposta à doença, colocada na linha de frente do enfrentamento, no trabalho incessante, sem condições infraestruturais de sobrevivência saudável e voltando ao mapa da miséria e da fome.

Considerações finais

O sujeito, como estudado por Bakhtin (2010), não possui álibi na existência. Isentar-se de responsabilidade significa afirmar, mesmo que na tentativa de não-afirmação, a sua “culpa” pelas mais de meio milhão de mortes existentes no Brasil, dado o agravamento da falta de políticas de saúde pública para situações de exceção, como essa. Práticas que decorrem de atitudes negacionistas, preconceituosas e genocidas encontram, no discurso e nos atos, tanto dos bolsominions quanto de Bolsonaro, uma outra espécie de pandemia: a “pandeminion” do retrocesso histórico, científico, político, social e humano, com ressonância na autoridade máxima do país, que reforça valores com os quais se filiam os *minions*, que os reverberam em seu ser-existir no mundo.

11 Supremo Tribunal Federal.

Com base na filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, buscamos mostrar como as relações dialógicas e os signos ideológicos reverberam a vida social da linguagem, via vozes sociais, sujeitos, espaços-tempos, de forma refletida e duplamente refratada, a ponto de um termo ser parcialmente alterado e viralizar nas e para além das redes sociais, pois característico de um grupo e suas práticas sociais.

Analisamos um *post* retirado de uma página da rede social Facebook, intitulado “Pandeminions”, no qual observamos como os *minions*, das telas de cinema, foram ressignificados pela relação entre as esferas artística, midiática e política, com especial atenção ao papel das redes sociais no Brasil. As redes foram tomadas como palco/arena política que coloca em jogo valores que produzem, circulam e são recebidos como reflexo e refração da conjuntura social, política e cultural vivida no Brasil, em um momento específico: o da pandemia da COVID-19. Afinal, o *post* estudado, de certa forma, em um tom crítico jocoso, reflete e refrata o que vivemos nesse tempo-espaço histórico. Assim, analisá-lo significa, indiretamente, de certa forma, refletir no e sobre o pequeno tempo, em um ato acadêmico de registro que fica para o grande tempo da história situações e mentalidades valorativas, em elo com outros tempos e espaços históricos (o Integralismo brasileiro, o fascismo italiano e o nazismo alemão), que jamais deixaram de existir como ideias e estratégias de vida e sociedade para determinados grupos. Esse gesto é essencial para que não passemos novamente, no presente e no futuro, pela barbárie já existente no passado – como um alerta sobre o que se configura e, também, uma forma de combate.

Afinal, pensamos no ato de linguagem como ato social, a partir do diálogo entre apoio/manutenção e resistência/oposição, em embate no enunciado, que reflete e refrata valores entre forças centrípetas e centrífugas, como forma de compreender o processo dinâmico, (in)tenso e espiralado da vida discursiva, em constante movimento.

Para responder às questões de pesquisa que nos mobilizaram, atentamo-nos para a inter-relação dinâmica entre discurso alheio e autoral, a partir da mobilidade entre discurso direto, indireto e indireto livre, que constituíram a estratégia discursiva, tanto flagrada como crítica à falta de argumentação dos *minions*, quanto utilizada pelo autor-criador do *post* para afirmar sua posição. Essa estratégia nos revelou uma percepção, orientação e avaliação ativa entre consciências diferentes, intradiscursivamente (entre apoiadores de Bolsonaro, comumente chamados de “bolsominions”), o então presidente e seus opositores (não é coincidência que esse *post* foi publicado no perfil de um senador do PT, como anunciamos). A partir do contexto pandêmico e das vozes dialético-dialógicas que dele e nele surgem, em jogo, no *post*, enxergamos o enunciado “Pandeminions” como expressões de ser-estar no Brasil na pandemia de COVID-19.

Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 393-410.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação *on-line*: uma discussão metodológica. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, jul. 2006.

COFFIN, P.; BALDA, K. *Meu Malvado Favorito 3*. Universal Studios: EUA, 2017.

COFFIN, P.; BALDA, K. *Minions*. Universal Studios: EUA, 2015, 91 min.

COFFIN, P.; RENAUD, C. *Meu Malvado Favorito 2*. Universal Studios: EUA, 2013.

COFFIN, P.; RENAUD, C. *Meu Malvado Favorito*. Universal Studios: EUA, 2010.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, B.; BARROS, C. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 11-28.

MARX, K. *O Capital*. Livro 1, V. 2: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MEDVIÉDEV, P. M. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, J. R. B. de. *Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. 2017. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2017.

OLIVEIRA, N. R. de. *Arte, mídia e política: uma análise bakhtiniana de bolsominions e petralhas*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa – em desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021 (Mimeo).

OLIVEIRA, N. R. de. *A febre amarela “minions”: uma análise bakhtiniana*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020 (Mimeo).

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, G. B. (org.). *Slovo*. Curitiba: Appris, 2011. p. 79-98.

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES Jr., A.; STAFUZZA, G. B. (org.). *Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 287-314.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Língua(gem) e enunciado: uma proposta verbivocovisual da/na filosofia bakhtiniana. In: REZENDE, P.; BRAMBILA, G. (org.). *Percursos em linguística: teorias, abordagens e propostas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 209-234. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/percursos-em-linguistica-teorias-abordagens-e-propostas/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, v. 21, n. 13, p. 01-13, 2021a. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_\(A\)_Vol_21_Issue_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3, p. 453-464, 2021b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos – RevDia*, Cuiabá, v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020c. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, Cuiabá, v. 27, n. 49, p. 15-46, 2020d. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, N. R. de. Viralização amarela: os *minions* na vida, nas mídias e na arte. *Revista Diálogos – RevDia*, Cuiabá, v. 8, n. 3, p. 74-95, 2020a. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10041>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, N. R. de. Minions nas telas e bolsominions na vida: uma análise bakhtiniana. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, e36198, p. 1-19, 2020b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/36198>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. A nação nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1-23, set./dez. 2020. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1858>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. O signo resistência nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *Entreletras*, v. 10, n. 2, p. 350-371, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6999>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/6507>. Acesso em: 03 jul. 2023.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2013.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. Tradução Valdemir Miotello e outros. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ROHLING, N. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas. *Fórum Linguístico*, n. 4, v. 17, p. 5221-5237, 2020.

VAUTHIER, B. "Auctoridade" e tornar-se-autor: origens da obra do "Círculo B.M.V.". In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Série Bakhtin Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 1, p. 69-114.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, Artigos, Resenhas e Poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.